



AUTOEFICÁCIA ACADÊMICA E AUTOESTIMA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Janaína Gleice Ferreira Gonçalves*

Ana Maria Nunes El Achkar**

Márcia Maria Peruzzi Elia da Mota***

RESUMO: Autoeficácia acadêmica é definida como as crenças do indivíduo relacionadas aos aspectos intelectuais e de aprendizagem. Já a autoestima consiste em um conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo. Este estudo teve como objetivo identificar os níveis de autoeficácia acadêmica e autoestima em adolescentes brasileiros estudantes do Ensino Médio considerando diferenças por idade, gênero, faixa etária e nível socioeconômico. Participaram do estudo 98 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 14 a 18 anos, regularmente matriculados em instituição escolar, pública ou privada, de cursos técnicos ou profissionalizantes de Ensino Médio dentro do território brasileiro. Os participantes responderam a Escala de Autoeficácia Acadêmica, Escala de Autoestima e ao questionário sociodemográfico. Os principais resultados indicaram diferenças significativas entre os níveis socioeconômicos em relação aos níveis de autoeficácia acadêmica. Os dados reforçam a necessidade de investimento em estratégias que potencializem a autoeficácia acadêmica em adolescentes, uma vez que a autoeficácia pode interferir no bom desempenho acadêmico dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: autoeficácia, autoestima, adolescentes, escola, identidade.

ABSTRACT: Academic self-efficacy refers to an individual's beliefs regarding their intellectual and learning capabilities, whereas self-esteem encompasses the set of thoughts and feelings they hold about themselves. Both constructs play a fundamental role in students' development and performance. Objective: This study aimed to identify the levels of academic self-efficacy and self-esteem among Brazilian adolescents in high school, examining potential differences based on age, age group, gender, and socioeconomic status. Method: Participants included 98 students of both sexes, aged 14 to 18, enrolled in technical or vocational high school courses at public or private institutions within the Brazilian territory. The instruments used were the Academic Self-Efficacy Scale, the Self-Esteem Scale, and a sociodemographic questionnaire. Results: The main findings revealed statistically significant differences across socioeconomic levels regarding the participants' levels of academic self-efficacy. Conclusion: The data reinforce the importance of investing in interventions and strategies aimed at strengthening academic self-efficacy in adolescents, considering its direct and enhancing impact on students' school performance.

KEYWORDS: Academic self-efficacy; Self-esteem; Adolescents; High school..

* janagf@gmail.com

** ana.achkar@nt.universo.edu.br

*** marcia.mota@nt.universo.edu.br

Introdução

Atualmente, um dos maiores desafios com que as escolas tanto públicas quanto privadas têm se deparado é com a necessidade de atuar em meio a uma pluralidade de indivíduos incorporados diariamente aos espaços escolares e o convívio destes em meio a tantas individualidades. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que no passado a escola focava no desenvolvimento dos aspectos intelectuais, mas que perceberam a necessidade de lidar não somente com as particularidades cognitivas, como também com as emocionais, sociais e culturais de seus alunos (Brasil, 2018). Essa pluralidade passou a ser observada nos ambientes escolares pela constatação do quanto os fatores individuais e socioemocionais influenciam nos diversos aspectos do comportamento, das relações e, em consequência, da forma como aprendem os estudantes (Sena & Murgo, 2021).

Seguindo essa premissa, as percepções que os indivíduos têm em relação a sua autoestima e autoeficácia podem influenciar suas ações. Essas crenças colaboram com a motivação dos indivíduos e são associadas ao bom desempenho acadêmico e a menores indícios de dificuldades socioemocionais na transição da adolescência para a vida adulta (Moraes et al., 2021).

Novaes et al. (2022) afirmam que autoestima e autoconceito positivos impactam no bom desempenho acadêmico dos estudantes. Entretanto, os resultados de sua pesquisa mostraram que não houve correlação positiva e significativa entre a autoestima e a variável gênero. Contudo, os resultados de seu estudo mostraram que a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), criada 1965, traduzida e adaptada para a realidade brasileira por Hutz em 2000 e revisada e atualizada por Hutz e Zanon em 2011, com foco nas variáveis desempenho escolar e gênero indicavam para um caminho em que o método de ensino-aprendizagem se encontrava fundamentado em ações já predeterminadas, que faziam parte de um contexto considerado normal. Porém, o mundo se defrontou com uma pandemia de forma a assolar a humanidade e passamos

a nos questionar a respeito do que seria da educação e quais mecanismos e novas formas de aprendizagem seriam necessárias. Mediante ao exposto, os autores dizem ser possível que, no que se refere à escala de autoestima, um número inimaginável de crianças e jovens podem estar com a autoestima abalada, devido a uma situação nunca antes presumida.

Diante dessa realidade, Machado et al. (2020) afirmam que características individuais podem trabalhar juntas para promover o desenvolvimento saudável e fornecer proteção em situação de adversidade e riscos. A pesquisa realizada por esses autores observou que adolescentes com níveis mais elevados de autoestima e autoeficácia tendem a abandonar comportamentos antissociais. Tem-se, assim, como reforçador, a relevância de considerar as crenças sobre si mesmo. Tal estudo objetivou conhecer a percepção de adolescentes em conflitos com a lei sobre aspectos pessoais (autoestima e autoeficácia) e variáveis escolares.

Nessa direção, estudos de Costa et al. (2017) e Rodriguez e Loos (2015) demonstraram correlações significativas, de moderadas a fortes entre autoestima, autoeficácia e autoconceito e, com isso, ressaltaram a pertinência de se estudar esses fatores de forma associada. A esse respeito, Costa et al. (2017) destacam que os construtos citados são fenômenos ligados ao self e são influenciados pelas experiências sociais, além de serem complexos, dinâmicos e multidimensionais.

Diante dessa realidade, para Costa et al. (2017), os avanços em pesquisas na área e intervenções psicológicas podem contribuir para maior compreensão dos construtos, já que parecem existir diferentes visões sobre si mesmo, quando falamos de crenças autorreferenciadas. Em suma, através da identificação de cada construto é possível encontrar formas de avaliar e mensurar os aspectos ligados ao self por haver um ponto de distinção sobre ter diferentes perspectivas sobre um indivíduo, o que pode ser útil para si mesmo e sua relação com o valor.

Estudos nacionais e internacionais indicam que há influências recíprocas entre autoestima e autoeficácia sobre o desempenho acadêmico de estudantes (Kevin et al., 2020; Machado et al., 2020). A autoestima é definida como uma avaliação de valor que o indivíduo faz de si, demonstrando os sentimentos de aprovação ou aversão sobre si mesmo, assim como o quanto se sente capaz e se percebe como alguém de valor (Machado et al., 2020; Rosenberg, 1989). Já a autoeficácia traduz a crença que o

indivíduo tem de suas capacidades de desempenho em atividades específicas (Bandura, 1998; Martins et al., 2018). Essas variáveis funcionam como importantes determinantes da motivação, dos afetos e da ação (Moraes et al., 2021).

No Brasil, estudos vêm sendo realizados com crianças do Ensino Fundamental, a fim de compreender melhor qual é o papel da autoeficácia acadêmica (Martinelli & Sassi, 2010; Martins et al., 2019; Oliveira & Soares, 2011; Rodrigues & Barrera, 2007; Silva et al., 2014; Souza & Brito, 2008). Dentre os achados, também se encontram investigações a respeito da autoeficácia de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (Caliatto & Martinelli, 2009; Rodrigues, 2015) e do Ensino Superior (Guerreiro-Casanova & Polydoro, 2011; Teixeira & Costa, 2018; Casiraghi et al., 2020).

Além disso, esse conceito vem sendo estudado em diversos contextos, tais como administração (Salvador & Morales, 2009), educação (Oliveira & Soares, 2011), saúde (Madueño Caro et al., 2020) e esporte (Machado et al., 2018). Numa revisão de literatura, realizada no período de 2002 a 2013 nas bases de dados Scielo, LILACS e Redalyc foram encontradas pesquisas quantitativas com a utilização de escalas e com ênfase nos domínios de autoeficácia docente e acadêmica (Iaochite et al., 2016).

Segundo Bandura (2006), os efeitos das crenças de autoeficácia apresentam-se nos processos cognitivos, nos processos afetivos e na seleção de atividades. Nos processos cognitivos tem-se a atenção, a memória e a compreensão. Nos processos afetivos exercem controle sobre estressores e desempenham um papel central na excitação da ansiedade e, assim, afetam a qualidade de vida emocional e a vulnerabilidade ao stress e desânimo. E, por último, na seleção de atividades, os indivíduos selecionam atividades com as quais se julgam capazes de lidar e, através dessas escolhas, acabam por definir interesses e ambientes sociais que determinam as orientações da vida.

O adolescente com maior senso de autoeficácia tende a ficar mais motivado nas atividades acadêmicas e a buscar o sucesso nas tarefas escolares, já que vê os desafios de maneira mais positiva. As estratégias e os métodos de aprendizagem serão mais adequados quando as crenças de autoeficácia forem positivas, pois influenciam a motivação do aluno para aprender, assim como a sua escolha profissional (Rossi et al., 2020).

Dentro deste contexto, os estudantes com baixo nível de autoeficácia evitam as atividades acadêmicas, pois não se julgam capazes de realizá-las. Conforme um estudo realizado por Achkar et al. (2017), alunos com baixo desempenho escolar apresentam menos fatores de proteção, menores níveis de autoeficácia, quando comparados com alunos com médio e alto desempenho escolar. Além disso, os níveis mais altos de autoeficácia afetam de maneira positiva a autoestima do aluno, pois ele julga ter potencialidades para realizar as propostas escolares solicitadas (Hoigaard et al., 2015).

A autoestima vista em estudos de revisão de literatura Pyszczynski et al. (2004), observou-se com evidências empíricas, que os altos índices de autoestima reduzem a ansiedade e o comportamento defensivo. Nessa mesma pesquisa, os autores relatam que os estudos a respeito da autoestima podem encorajar e ampliar uma gama de comportamentos pró-sociais, além de desenvolver maneiras de canalizar a busca de significado e valor dos indivíduos a exploração de manifestações positivas.

Em estudos internacionais, o construto da autoestima é visto associado à aprendizagem (Raskauskas et al., 2015; Seema & Kumar, 2018). Ao se falar de educação, os níveis de autoestima podem influenciar o desempenho e as aspirações dos alunos (Afari et al., 2012). Sendo, assim, um dos fatores importantes para determinar o sucesso ou o fracasso escolar é a autoestima alta, como o discente tolera as frustrações a depender da influência, a pressão dos colegas; e o quanto apresenta vontade de encarar novos desafios, se julgar capaz de ajudar ao outro e de ter o senso de responsabilidade.

Já a autoeficácia acadêmica no contexto escolar é definida como a percepção do aluno acerca de suas capacidades para aprender ou concretizar comportamentos escolares em um domínio específico (Martins et al., 2019). O senso de autoeficácia, na área acadêmica, afeta o que os estudantes fazem, influenciando a escolha de atividades, o estabelecimento de metas, o esforço despendido, a persistência e a perseverança frente às adversidades, e o nível de ansiedade que experimentam frente às atividades nessa área (Bandura, 1993; Bzuneck, 2001; Schunk, 1995; Martinelli & Sassi, 2010).

Dentre os achados, figuram investigações que relacionam crenças de autoeficácia acadêmica e desempenho escolar, isto é, estudantes com maior senso de autoeficácia têm melhor desempenho escolar (Guerreiro-Casanova et al., 2015; Silva et al., 2014). As expectativas do aluno quanto à determinada tarefa escolar mostram o

quanto ele acredita ser capaz de realizá-la. O empenho e a dedicação destinados à determinada tarefa, a fim de vencer os desafios propostos, estão ligados com um nível de autoeficácia consolidado e, também, a um elevado nível de motivação. Em outras palavras, o estudante busca aprender e atingir os objetivos propostos, pois está motivado para tal (Costa & Boruchovith, 2006).

De acordo com Polydoro e Guerreiro-Casanova (2015) as crenças de autoeficácia acadêmica no Ensino Médio é compreendida pelas seguintes dimensões: autoeficácia para aprender, autoeficácia para atuar na vida escolar e autoeficácia para decisão de carreira. A autoeficácia para aprender é destinada a verificar a confiança na capacidade de mobilizar esforços para se envolver nas atividades escolares considerando os aspectos cognitivos, motivacionais e comportamentais pertinentes ao processo de aprender e ao desempenho acadêmico. A autoeficácia para atuar na vida escolar está relacionada quanto a confiança percebida na capacidade de atuar na vida escolar, considerando o envolvimento colaborativo com os pares e a escola/instituição. A autoeficácia para decisão de carreira refere-se a capacidade de buscar informações e planejar ações relevantes para a decisão de carreira.

Atualmente, constata-se um crescimento na quantidade de estudos a respeito de autoeficácia em variados países. No entanto, no Brasil, esse foco de investigação tem sido pesquisado mais recentemente (Guerreiro-Casanova et al., 2015; Rossi et al., 2020; Sena & Murgo, 2021). Quando contrastados, os resultados encontrados nos estudos brasileiros mostram confirmação com os achados dos estudos internacionais a respeito do tema (Boruchovitch & Bzuneck, 2010).

Em relação aos estudantes do Ensino Médio, pesquisas recentes se debruçaram sobre investigações a respeito das crenças de autoeficácia associadas aos aspectos individuais e escolares (Guerreiro-Casanova, Dantas, & Azzi, 2015; Rossi et al., 2020; Sena & Murgo, 2021), às especificidades dos anos de escolaridade e seus turnos (Guerreiro-Casanova, Ferreira, & Azzi, 2015), bem como às estratégias de estudo e aprendizagem (Dantas, Guerreiro-Casanova, Azzi & Benassi, 2015). Porém, percebe-se uma carência de pesquisas nacionais voltadas à investigação da autoeficácia em estudantes, sobretudo se comparados às pesquisas realizadas sobre autoeficácia docente. Além disso, nota-se a existência de lacunas a serem investigadas em relação à autoeficácia e a autoestima principalmente em estudantes do Ensino Médio, que é o

segmento da Educação Básica com os menores índices de pesquisas encontradas até o momento.

Assim, de modo a preencher essa lacuna, o presente estudo tem por objetivos identificar os níveis de autoeficácia acadêmica e autoestima em adolescentes brasileiros de 14 a 18 anos de idade, verificar e identificar se há variabilidade nos níveis de autoestima e autoeficácia acadêmica, em função da idade, gênero, faixa etária e nível socioeconômico.

Método

Participantes

Foi realizado um estudo transversal, com corte correlacional e comparativo, de abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 98 adolescentes de 14 a 18 anos de idade, sendo de estudantes regularmente matriculados em instituição escolar pública ou privada, podendo ser de cursos técnicos ou profissionalizantes de Ensino Médio, oriundos de 12 cidades brasileiras pertencentes aos estados do: Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Paraná. Os critérios de inclusão foram: estar regularmente matriculado em qualquer ano do Ensino Médio, ter entre 14 a 18 anos de idade e ser brasileiro. Em relação aos critérios de exclusão, foram excluídos aqueles participantes que não concluíram o preenchimento dos instrumentos de pesquisa. Dentre a amostra, participaram 68 mulheres e 30 homens respondentes ($M=16,0$, $DP=1,0$). Os participantes são oriundos de 12 cidades brasileiras dos estados: Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Paraná.

Instrumentos

A Escala de Autoeficácia Acadêmica para o Ensino Médio – AAEM, construída a partir de uma adaptação da Escala de Autoeficácia na Formação Superior, realizada por Polydoro & Guerreiro-Casanova (2015). A escala é composta por 16 itens, distribuídos em três dimensões: autoeficácia para aprender, autoeficácia para atuar na vida escolar, e autoeficácia para decisão de carreira. Os itens são respondidos em escalas tipo Likert de sete pontos, variando de 1 (pouco capaz) até 7 (muito capaz). A exemplo de um dos itens: “O quanto eu sou capaz de: Estudar quando existem outras coisas para fazer”. Os resultados do estudo de validação mostraram um bom índice Alpha de Cronbach (0,88), um bom KMO = .90, e mais da metade (57%) de variância explicada.

Na pesquisa atual o Alfa de Cronbach para a Escala de Autoeficácia Acadêmica para o Ensino Médio, Alfa = 0.854 e KMO = 0.737.

A Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1965) foi adaptada por Sbicigo et al. (2010). Esse instrumento é composto por 10 questões com conteúdo referente aos sentimentos de respeito e de aceitação de si mesmo. Como exemplo de um dos itens: “Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesmo”. Em pesquisa de validação da escala no Brasil Hurtz e Zanon (2011), obtiveram resultados com um bom índice Alfa de Cronbach (0,90). Nessa escala, os itens são respondidos em escalas tipo Likert de quatro pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente). Quanto maior o escore obtido na escala, maior o nível de autoestima do indivíduo. Na pesquisa Atual para a Escala de Autoestima de Rosenberg, Alfa = 0.669 e KMO = 0.658.

Foi adotado, ainda, um Questionário Sociodemográfico (Anexo G) com 12 perguntas que foram previamente elaboradas para esta pesquisa. O questionário é composto por perguntas sobre características socioeconômicas dos participantes, tais como: cor da pele, idade, local de residência (cidade e estado), gênero (feminino, masculino e outros) constituição familiar, renda pessoal, renda familiar, vínculo empregatício e de nível educativo do participante e dos pais. Para avaliar a classe econômica das famílias, foi utilizada a pergunta de qual seria a renda total familiar, na qual as opções de escolha seriam de nenhuma renda até renda de seis ou mais salários-mínimos.

Procedimentos

A participação na pesquisa foi voluntária. Todas as diretrizes e normas que regulam as pesquisas em seres humanos, definidas pela Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS foram respeitadas. A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil e foi realizada apenas após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira. Este estudo obteve parecer positivo da Comissão de Ética em pesquisa conforme protocolo número CAAE: 43070121.0.0000.5289. Os pais ou responsáveis dos adolescentes foram contatados através dos grupos de pais de escolas privadas e públicas em diferentes estados do território brasileiro e os convites para acesso foram enviados aos adolescentes por WhatsApp, após a autorização dos

pais ou responsáveis. Antes da participação dos adolescentes, os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual estão descritos os objetivos e todos os procedimentos da pesquisa. As instituições educativas que participaram do projeto assinaram o Termo de Anuência para a Pesquisa. A coleta de dados foi virtual por meio de um questionário desenvolvido exclusivamente para os fins desta pesquisa e inserido nas plataformas Survey Monkey e no Google Forms.

Análise de Dados

A análise de dados foi executada com o software Statistical Package for the Social Sciences for Windows (SPSS, versão 17). Foram realizadas estatísticas descritivas de todos os instrumentos e das características sociodemográficas dos participantes. A seguir, foram efetuadas correlações de Pearson para avaliar a relação entre as diferentes variáveis. Testes t, Análises de Variância Simples (ANOVA) para avaliar diferenças significativas nos níveis das crenças de autoestima e autoeficácia com base nas variáveis sociodemográficas.

Resultados

Para identificar possíveis associações entre as variáveis sociodemográficas e os níveis de autoeficácia acadêmica e autoestima demonstrados pelos adolescentes, foi realizada uma análise descritiva. Para essa análise, foram consideradas as variáveis gênero, idade, cor da pele, cidade, vínculo empregatício, renda familiar, estudo do pai, estudo da mãe, faixa etária e como escolares, as variáveis tipo de escola em que cursa o Ensino Médio e intenção de ingressar no Ensino Superior. As tabelas 1 e 2 demonstram a análises descritivas das variáveis sociodemográficas.

Tabela 1

	N	Valid	Missing
Idade	100	100	0
Autoreferência	100	100	0
Cor da pele	100	100	0
Cidade	100	100	0
Vínculo empregatício	100	100	0
Renda familiar	100	100	0
Instituição de ensino	100	100	0
Estudo da mãe	100	100	0
Ingressar na Faculdade	100	100	0

Análise Descritiva das Variáveis Sociodemográficas (Parte 1)

Nota. Variáveis numéricas apresentadas como média e desvio padrão. Variáveis discretas apresentadas como número de participantes e porcentagem.

Fonte: Autoria própria

Tabela 2

		Média/N	DP/Pct.
Escolaridade – mãe	Ensino Fundamental Incompleto	5	5,1
	Ensino Fundamental Completo	2	2
	Ensino Médio Incompleto	9	9,2
	Ensino Médio Completo	30	30,6
	Ensino Superior Incompleto	8	8,2
	Ensino Superior Completo	22	22,4
	Pós-graduação incompleto	2	2
	Pós-graduação Completa	19	19,4
	Outro	1	1
Escolaridade – pai	Ensino Fundamental Incompleto	15	15,3
	Ensino Fundamental Completo	3	3,1
	Ensino Médio Incompleto	6	6,1
	Ensino Médio Completo	33	33,7
	Ensino Superior Incompleto	10	10,2
	Ensino Superior Completo	17	17,3
	Pós-graduação Incompleto	0	0
	Pós-graduação Completa	11	11,2
	Outro	3	3,1
Faixa etária	14 a 16 anos	68	69,4
	17 a 18 anos	30	30,6

Análise Descritiva das Variáveis Sociodemográficas (Parte 2)

Nota. Variáveis numéricas apresentadas como média e desvio padrão. Variáveis discretas apresentadas como número de participantes e porcentagem.

Fonte: Autoria própria

Para identificar possíveis relações entre as variáveis pessoais e os níveis de autoeficácia acadêmica e autoestima foram realizadas correlações entre idade, família, autoestima e autoeficácia acadêmica. Os resultados expostos na tabela 3 demonstram que, isoladamente, as variáveis pessoais idade e família não se relacionam com autoestima e autoeficácia acadêmica.

Tabela 3

	Idade	Família	Autoestima	Autoeficácia
Idade	1	-	-	-
Família	-0,17	1	-	-
Autoestima	-0,04	0,01	1	-
Autoeficácia	-0,09	-0,02	0,04	1

Correlações entre as Variáveis Numéricas

Nota. Autoria própria

Estatísticas Inferenciais

A correlação entre os escores da Escala Rosenberg de Autoestima e da Escala de Autoeficácia Acadêmica para o Ensino Médio foi verificada por meio do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson.

Foram realizados testes t de Welch para amostras independentes para verificar possíveis diferenças nos níveis de Autoeficácia Acadêmica e Autoestima em função de gênero (masculino e feminino) e faixa etária (14-16 anos e 17-18 anos). Não havendo diferenças entre os gêneros, as diferenças entre classe social foram feitas considerando a amostra como um todo.

Para investigar se existem diferenças nos níveis de Autoeficácia Acadêmica e Autoestima em função do Nível Socioeconômico familiar foram realizadas análises de variância de uma via (ANOVA - One Way). O pressuposto de normalidade dos resíduos foi avaliado por meio de inspeção visual do QQ-plot dos resíduos e do teste de Shapiro-Wilk. O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene.

Como forma de corrigir a violação do pressuposto de normalidade dos resíduos, todos os testes estatísticos foram realizados com procedimentos de bootstrapping (1000 reamostragens) para estimar os parâmetros dos modelos. Este procedimento permite obter estimativas não enviesadas quando pressupostos paramétricos não são atendidos. Um nível de significância de 5% foi adotado em todas as ocasiões.

Correlação entre Autoestima e Autoeficácia Acadêmica

O coeficiente de correlação de Pearson entre Autoestima e Autoeficácia Acadêmica apresentou um valor negativo, baixo e estatisticamente não significativo ($r = 0,04$, 95% IC $[-0,16, 0,24]$, $t(96) = 0,42$, $p = 0,68$). Esse resultado indica que não podemos aceitar a primeira hipótese de que há correlação entre Autoestima e Autoeficácia Acadêmica.

Figura 1

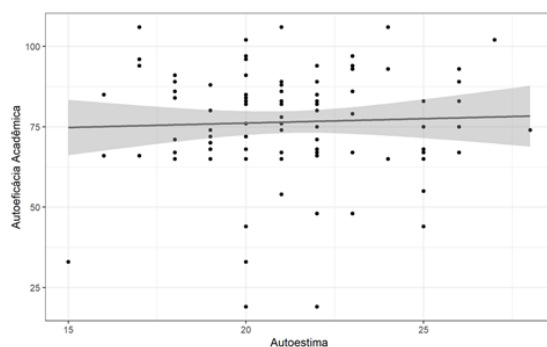


Gráfico de dispersão entre Autoeficácia Acadêmica e Autoestima

Nota. Autoria própria

Preditores da Autoeficácia Acadêmica*Autoeficácia Acadêmica x Gênero*

O teste de diferença entre médias demonstrou que adolescentes do gênero masculino ($M = 75,97$; $DP = 14,89$) e adolescentes do gênero feminino ($M = 76,69$; $DP = 17,82$) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nos escores de Autoeficácia Acadêmica ($t(65,87) = 0,21$; $p = 0,878$; 95% IC $[-5,79; 7,07]$).

Autoeficácia Acadêmica x NSE

Tabela 4

Renda familiar	Média	DP
Até 1 salário-mínimo	63,7	23,6
De 1 a 3 salários-mínimos	80,8	13,3
De 3 a 6 salários-mínimos	78,0	14,1
Outro	75,6	17,9

Estatísticas Descritivas para Nível Socioeconômico em Relação a Autoeficácia Acadêmica

Nota. Autoria própria

A inspeção visual identificou desvios em relação à normalidade dos resíduos. Uma posterior investigação com o teste de Shapiro-Wilk revelou violação deste pressuposto ($W = 0,95$, $p = 0,002$). O teste de Levene demonstrou homogeneidade de variância entre os grupos (Levene (3, 94) = 1,198, $p = 0,315$).

Os resultados da ANOVA demonstraram diferenças estatisticamente significativas entre os níveis socioeconômicos em relação aos níveis de Autoeficácia Acadêmica ($F(3, 94) = 3,789$, $p = 0,014$, $\eta^2 = 0,108$). Comparações planejadas com correção de Holm demonstraram que relativo ao grupo com renda até 1 salário-mínimo, apresentou menores níveis de Autoeficácia Acadêmica do que os adolescentes com renda familiar de 1 a 3 salários-mínimos (Estimado = 17,05, $p = 0,01$, 95% IC $[3,63, 31,38]$) e do que adolescentes com renda familiar de 3 a 6 salários-mínimos (Estimado = 14,254, $p = 0,044$, 95% IC $[0,65, 29,01]$).

Tabela 5

Grupos	Estimado	Erro-padrão	Estimativas de Bootstrapping (95% IC BCa)	
			Limite inferior	Limite superior
1 a 3 salários-mínimos	17,05	6,95	3,63	31,38
3 a 6 salários-mínimos	14,25	7,06	0,65	29,01
Outro	11,90	7,77	-2,44	28,52

Comparações Planejadas com Correção de Holm entre o Grupo com Renda até 1
mínimo e os Demais Níveis Socioeconômicos em Relação a Autoeficácia Acadêmica

Salário-

Nota. Autoria própria

Figura 2

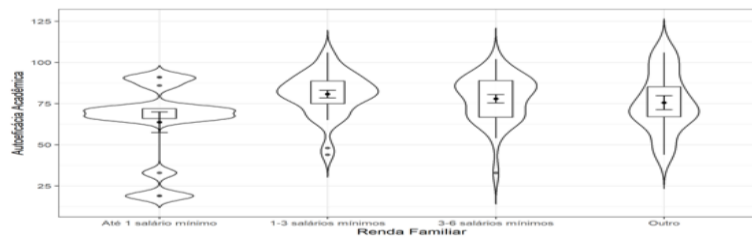


Gráfico de Boxplot e Violino da Autoeficácia Acadêmica para cada Grupo de NSE (Curvas mais largas representam maior densidade de pontos, ou seja, existe uma maior frequência de pontos)

Nota. Autoria própria

Autoeficácia Acadêmica x Faixa Etária

O teste de diferença entre médias demonstrou que adolescentes mais jovens ($M = 76,71$, $DP = 17,05$) e adolescentes mais velhos ($M = 75,93$, $DP = 16,85$) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nos escores de Autoeficácia Acadêmica ($t(56,14) = 0,21$, $p = 0,84$, 95% IC [-5,99, 8,1]).

Preditores da Autoestima

Autoestima x NSE

A inspeção visual identificou adequação em relação à normalidade dos resíduos. Uma posterior investigação com o teste de Shapiro-Wilk revelou não violação deste pressuposto ($W = 0,99$, $p = 0,359$). O teste de Levene demonstrou homogeneidade de variância entre os grupos ($\text{Levene}(3, 94) = 0,74$, $p = 0,531$).

Os resultados da ANOVA demonstraram não haver diferença estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos em relação aos níveis de Autoestima ($F(3, 94) = 2,386$, $p = 0,2$, $p = 0,069$). Na tabela 6 podem-se observar os resultados:

Tabela 6

Renda Familiar	Média	DP
Até 1 salário-mínimo	20,0	2,48
De 1 a 3 salários-mínimos	21,4	2,87
De 3 a 6 salários-mínimos	21,0	2,70
Outro	21,8	2,12

Estatísticas Descritivas para Nível Socioeconômico em Relação a Autoestima

Nota. Autoria própria

Figura 3

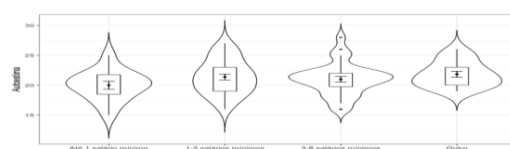


Gráfico de Boxplot e Violino da Autoestima para cada Grupo de NSE (Curvas mais largas representam maior densidade de pontos, ou seja, existe uma maior frequência de pontos)

Nota. Autoria própria

Autoestima x Gênero

O teste de diferença entre médias demonstrou que adolescentes do gênero masculino ($M = 20,93$, $DP = 2,83$) e adolescentes do gênero feminino ($M = 21,24$, $DP = 2,59$) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nos escores de Autoestima ($t(51,43) = 0,5$, $p = 0,66$, 95% IC $[-0,84, 1,53]$).

Autoestima x Faixa Etária

O teste de diferença entre médias demonstrou que adolescentes mais jovens ($M = 21,13$, $DP = 2,6$) e adolescentes mais velhos ($M = 21,17$, $DP = 2,83$) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nos escores de Autoeficácia Acadêmica ($t(56,14) = 0,21$, $p = 0,84$, 95% IC $[-5,99, 8,1]$).

Discussão

O objetivo do presente trabalho foi investigar se as crenças de autoestima e autoeficácia acadêmica em adolescentes brasileiros diferem de acordo com a faixa etária, gênero e renda familiar. Investiga, também, se as crenças de autoestima e autoeficácia acadêmica são constructos associados.

Com base na literatura revisada foram levantadas quatro hipóteses, iniciamos com uma questão teórica sobre a relação entre autoestima e autoeficácia. Esperava-se uma correlação positiva e significativa entre o questionário de autoestima e a escala de crenças de autoeficácia acadêmica. Autoeficácia e autoestima fazem parte da teoria da identidade proposta por Loos (2003). Segundo esse pesquisador, a identidade é constituída por um conjunto de crenças autorreferenciadas, das quais fazem parte autoestima, autoeficácia e autoconceito (não investigado neste trabalho). Se como é proposto pelo autor essas crenças interagem entre si, esses construtos deveriam estar associados, mas não foi o que aconteceu. Correlações não significativas entre esses constructos também foram encontradas em outras amostras com adolescentes brasileiros (Machado et al., 2020; Zappe & Dell' Aglio, 2016). Assim como no estudo

de Novaes et al. (2022), acredita-se que a partir das alterações emocionais e socioculturais causadas pela pandemia, a autoestima e autoeficácia dos estudantes que compuseram a amostra investigada passaram por alterações e conturbações e, como consequência, não foram encontradas correlações significativas. As insatisfações e inseguranças relacionadas ao cenário pandêmico, correspondem ao estudo de Novaes et al. (2022) e estão diretamente ligados ao autoconceito acadêmico, que não se desenvolve de forma positiva devido à sobrecarga atual de demandas e aos ajustes necessários para adaptação que ainda estão em processo de normalização.

Na fase da adolescência, os jovens passam por muitas mudanças físicas e psicológicas. Com o objetivo de obter mais evidências para compreender esse momento da vida desses indivíduos e com o intuito de ampliar estudos nessa faixa etária, a pesquisa identificou os níveis de autoestima e autoeficácia de adolescentes brasileiros de 14 a 18 anos de idade. As três perguntas de pesquisas que se seguem dizem respeito a como as variáveis socioeconômicas se relacionaram aos constructos investigados.

A segunda hipótese investigou se haveria diferença significativa nos níveis de autoeficácia acadêmica em função ao sexo e esperava-se que os meninos teriam maiores níveis de autoeficácia do que as meninas. Em estudos anteriores de Rossi et al. (2020) foram evidenciados que adolescentes do sexo feminino tiveram níveis de autoeficácia mais alta que os meninos. Já a autoeficácia geral foi diferente. Os meninos tiveram maiores escores. Os autores atribuíram as diferenças culturais aos papéis atribuídos aos gêneros. Por exemplo, a maior eficácia geral dos meninos em relação as meninas, pode se dever aos papéis tradicionalmente atribuídos, nos quais as meninas são vistas como indivíduos passivos e subservientes, e os meninos como aqueles que têm o controle e o poder sobre suas ações. No que diz respeito a autoeficácia acadêmica, tradicionalmente as meninas apresentam melhor desempenho acadêmico e melhores resultados escolares, é possível se levantar a hipótese que esses resultados, possam estar relacionados com sua autoeficácia acadêmica. (Martins et al, 2018). Na presente pesquisa, não repetimos os resultados de Rossi (2020). A Amostra do autor foi de adolescente de 14 a 19 anos de escolas públicas e privadas do Rio Grande do Sul é possível que diferenças culturais possam ter afetado os resultados. Na presente pesquisa, os adolescentes eram da faixa etária de 14 a 18, de classe de nível

socioeconômico baixo e alto e em sua maioria da região sudeste. Essas diferenças na amostra podem ter sido a razão para as diferenças nos resultados.

A terceira hipótese investigada foi sobre possíveis diferenças nos níveis de autoeficácia acadêmica e autoestima em função do nível socioeconômico. Estudos realizados sobre o tema (Machado, 2020; Rossi, 2020) mostram que jovens com baixo níveis socioeconômico apresentam mais baixa autoestima (Nunez-Rodriguez, 2008; Phuntsho & Jamtsho, 2022; Sbicigo et al., 2012) e autoeficácia (Fontes & Azzi, 2012). Assim, esperava-se que haveria diferenças significativas nos níveis de autoeficácia acadêmica em função do nível socioeconômico, sendo que os adolescentes com menor NSE teriam um nível de autoeficácia acadêmica menor do que os jovens de NSE alto. Nessa linha de raciocínio, também se esperava que surgissem diferenças significativas nos níveis de autoestima em função do NSE, sendo que os adolescentes com NSE alto apresentam níveis de autoestima mais elevados do que adolescentes de NSE baixo. Os resultados encontrados estão em consonância com as hipóteses apresentadas. No que tange aos níveis de autoeficácia, os adolescentes que apresentaram renda de até um salário-mínimo exibiram diferenças significativamente menores na escala de autoeficácia acadêmica quando comparados aos adolescentes com renda familiar de três a seis salários-mínimos. Tais resultados se mostram como uma contribuição para a rede nomológica do construto investigado, visto não ter sido ainda estudados em outras pesquisas científicas a relação da autoeficácia acadêmica e os níveis socioeconômicos de adolescentes estudantes do Ensino Médio. Tal achado corroboram com a literatura pesquisada, a qual demonstra resultados divergentes quando se busca avaliar a percepção de autoeficácia acadêmica em função das variáveis sociodemográficas.

A quarta e última hipótese seria se haveria diferenças significativas nos níveis de autoeficácia e autoestima em função da idade, sendo que os adolescentes mais novos teriam níveis mais elevados tanto de autoestima como de autoeficácia acadêmica. Quanto à faixa etárias, no presente estudo, não foram encontradas diferenças entre faixas de idade nos níveis de autoeficácia. Acredita-se que pela delimitação na idade, restrita a jovens de 14 a 18 anos matriculados no Ensino Médio, isso pode ter impedido a ampliação da amostra para adolescentes mais novos e mais velhos de até 19 anos. Tal resultado, no entanto, corrobora o estudo de Rossi et al. (2020), no qual não houve diferenças estatisticamente significativas quanto às faixas etárias dos adolescentes e a

autoeficácia. São diferentes de estudos internacionais tais como os de Martins et al. (2018) que apontam que adolescentes mais velhos têm níveis de autoeficácia menores do que seus pares com menor idade, essas diferenças podem demonstrar que a autoeficácia acadêmica é um conceito culturalmente construído e, portanto, pode variar de cultura para cultura.

Como limitação desse estudo apontamos o contexto pandêmico que limitou a coleta ao contexto online, pois dificultou a ida a campo e diminui a possibilidade de ampliação da amostra, além de delimitar acesso à internet aos adolescentes que já o tinham. No entanto, esse desafio possibilitou a divulgação em outros estados por meio das redes sociais.

Para pesquisas futuras, há a necessidade de estudos comparando culturas e amostras maiores em diferentes regiões do Brasil, contemplando outros estados e investigação de outras faixas etárias.

Considerações Finais

Este estudo buscou contribuir com a ampliação de pesquisas com adolescentes brasileiros, além de identificar os níveis de autoeficácia e autoestima dos jovens de 14 a 18 anos de idade.

Sobre a autoestima, que é um aspecto avaliativo no qual os pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo representam o valor, na presente amostra, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Esses níveis de autoestima e autoeficácia também podem ser possíveis, porque o indivíduo apresenta uma boa capacidade de resiliência nas adversidades da vida (Machado et al., 2020). Tendo em vista que as questões culturais também devem ser consideradas como que possibilite esses resultados, já que em outros estudos internacionais foram identificados relação significativas nos níveis de autoestima dos adolescentes (Nematollahi, et al. 2017). A visão que o adolescente tem de si mesmo é apontada como importante fator para o desenvolvimento saudável.

Nesta pesquisa, foi possível observar, segundo os dados coletados, que os adolescentes de nível socioeconômicos baixo se arriscam menos nas atividades escolares, talvez, por isso, as expectativas deles quanto à universidade sejam diferentes,

quando apenas pensam em concluir o ensino médio por acreditarem que isso já é suficiente. Como as crenças de autoeficácia desses jovens apresentaram níveis baixos, podemos crer que a confiança nas próprias habilidades desses adolescentes são menores. Isso porque as crenças de autoeficácia nada mais são do que o quanto o indivíduo acredita em suas capacidades, sendo sempre desafiado e acreditando que é capaz de superar os possíveis obstáculos que surgirem.

Ressalta-se que a amostra do presente estudo não é representativa da população de estudantes do Ensino Médio brasileiro. Sendo, portanto, necessárias novas investigações em outras amostras.

Investigações futuras são necessárias para explorar melhor a relação entre autoestima e autoeficácia na construção da identidade, ampliando a amostra, às regiões não pesquisadas e a outras faixas etárias. Além de investigar se as diferenças culturais explicam as diferenças em níveis de autoestima e autoeficácia nos adolescentes brasileiros.

Por fim, conclui-se que ainda temos muito para ampliar os estudos no campo das cognições autorreferenciadas. Portanto, compreender a autoestima e a autoeficácia dos adolescentes é de suma importância e a grande contribuição desta pesquisa para futuras pesquisas é de que os adolescentes precisam desenvolver a autoeficácia.

Conclui-se que as condições socioeconômicas podem influenciar o nível de autoeficácia acadêmica dos adolescentes brasileiros estudantes do Ensino Médio. Recomenda-se futuras pesquisas de intervenções eficazes para melhorar a autoeficácia em adolescentes.

Referências

- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. Motivação para aprender no Brasil: estado da arte e caminhos futuros. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. (org.). **Motivação para aprender**: aplicações no contexto educativo. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 231-250.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf.
- CALIATTO, Susana Gakyia; MARTINELLI, Selma de Cássia. Avaliação da autoeficácia acadêmica em alunos da educação de jovens e adultos. **ETD Educação Temática Digital**, v. 10, n. numeroespecial, p. 187-203, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922009000200012&lng=pt&tlng=pt.
- CASIRAGHI, B.; BORUCHOVITCH, E.; ALMEIDA, L. S. Crenças de autoeficácia, estratégias de aprendizagem e o sucesso acadêmico no Ensino Superior. **Revista E-Psi**, v. 9, n. 1, p. 27-38, 2020. Disponível em: <https://artigos.revistaepsi.com/2020/Ano9-Volume1-Artigo2.pdf>.
- FONTES, A. P.; AZZI, R. G. Crenças de autoeficácia e resiliência: Apontamentos da literatura sociocognitiva. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 29, n. 1, p. 105-114, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n1/a12v29n1.pdf>.
- FRANCO, Gisele de Rezende; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Autoeficácia e desenvolvimento positivo dos jovens: uma revisão narrativa da literatura. **Temas em Psicologia**, v. 26, n. 4, p. 2267-2282, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2018.4-20Pt>.
- GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; POLYDORO, S. A. J. Autoeficácia na formação superior: percepções durante o primeiro ano de graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 1, p. 50-65, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100006>.
- GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; FERREIRA, L. C. M.; AZZI, R. G. Autoeficácia acadêmica de estudantes de Ensino Médio: especificidades das séries e turnos. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 6, n. 1, p. 95-120, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000100007&lng=pt&tlng=pt.
- KEVIN, J.; SANJALY, J.; NIMY, P. G. Relation between Self-Esteem and Self-Efficacy in Undergraduate Female College Students. **International Journal for Research in Applied Science & Engineering Technology (IJRASET)**, v. 8, n. 4, p. 45-98, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Roberto%20Litrento/Downloads/doc_5.pdf.
- MARTINS, E. A.; DARSIE, M. M. P.; JUNIOR, J. L.; PIROLA, N. A. Crenças de autoeficácia e atitudes de alunos da educação básica: possíveis indicativos de desmotivações para a resolução de questões “Matematizadas” de ciências naturais. **Revista REAMEC**, Cuiabá-MT, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec>.
- MARTINS, L. L. P.; COIMBRA, S.; FONTAINE, A. M.; BARRERA, S. D. Preditores de autoeficácia acadêmica em jovens portugueses e brasileiros cursando ensino profissional. **Revista da SPAGESP**, v. 19, n. 2, p. 6-22, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000200002&lng=es&tlng=pt.
- MORAIS, G. A.; LEME, V. B. R.; MEDEIROS, A. O. F.; PEREIRA-GUIZZO, C. S. Habilidades sociais e expectativas de futuro como preditores da autoeficácia para a escolha profissional. **Psico**, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14448/1980-8623.2021.2.32374>.
- NOVAES, A. H. O.; SANTOS, M. P.; ROSSI, C. M. S. O autoconceito e a autoestima em estudantes da rede pública de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 7, 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/o-autoconceito-e-a-autoestima-em-estudantes-da-rede-publica-de-ensino>.
- NUÑEZ-RODRÍGUEZ, S. **Pensando Sobre Si Mesmos**: o que adolescentes em situação de vulnerabilidade social aprendem ao enfrentar adversidades. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/15964>.

- OLIVEIRA, M. B.; SOARES, A. B. Auto-eficácia, raciocínio verbal e desempenho escolar em estudantes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 33-39, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000100005>.
- PHUNTSHO, U.; JAMTSHO, S. Effects of Adolescents' Socioeconomic Status on Their Self-esteem: A Case of School going Adolescents in Central Bhutan. **Journal of Education and Practice (Online)**, v. 13, n. 8, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/359686519>.
- RASKAUSKAS, J.; RUBIANO, S.; OFFEN, I.; WAYLAND, A. K. Do social self-efficacy and self-esteem moderate the relationship between peer victimization and academic performance? **Social Psychology of Education**, v. 18, p. 297-314, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=3728184&pid=S1982-124720200001000028&lng=pt.
- RODRIGUES, C. S. **Crenças de autoeficácia matemática na Educação de Jovens e Adultos**: um estudo com alunos de Ensino Médio de Divinópolis (MG). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2015. Repositório Institucional da UFOP. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5692>.
- ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Revised edition. Middletown, CT: Wesleyan University, 1989. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2969904&pid=S1677-2970202000010000200042&lng=pt.
- ROSSI, T.; TREVISOL, A.; DOS SANTOS-Nunes, D.; DAPIEVE-PATIAS, N.; VON HOHENDORFF, J. Autoeficácia geral percebida e motivação para aprender em adolescentes do Ensino Médio. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 1, p. 245-253, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.1.12>.
- SBICIGO, J. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; DELL' AGLIO, D. D. Propriedades psicométricas da Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP). **Psico**, v. 43, n. 2, p. 130-146, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11691/8037>.
- SEEMA, G. B.; KUMAR, G. V. Impact of social skills training on self-esteem among male and female adolescent students. **Indian Journal of Positive Psychology**, v. 9, n. 1, p. 147-151, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15614/ijpp.v9i01.11761>.
- SENA, B. C. S.; MURGO, C. S. Percepção de Autoeficácia Acadêmica e Contexto Escolar: O Que Dizem os Estudantes do Ensino Médio? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, e224018, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003224018>.
- TEIXEIRA, Maria Odília; COSTA, Cátia João. Fontes de autoeficácia em estudantes do ensino superior. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 19, n. 2, p. 143-155, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2019v19n2p143>.